



Vol. I nº 1 jan./jun. 2006

p. 59-64

A FILOSOFIA EDUCACIONAL NA PEDAGOGIA JESUÍTICA: AVANÇO OU RETROCESSO?

Acadêmica Silvia Letícia Spanhol¹

Orientador: Gilmar Henrique da Conceição²

Este texto é resultante de trabalho de iniciação científica, desenvolvido de forma articulada com outras pesquisas coordenadas pelo professor Gilmar Henrique, no âmbito do Grupo de Pesquisa História e Historiografia na Educação. O recorte teórico que me coube foi tratar da pedagogia jesuítica; assim, este artigo é uma pequena parte do projeto de iniciação científica que desenvolvi.

O papel dos Jesuítas na Contra-Reforma católica foi essencial. Na época, para muitos católicos pareciam perdidos, para o protestantismo, a Alemanha, a Escandinávia, e estavam ameaçados os Países Baixos, a Bolania, a Polônia e a Áustria, ainda havendo “infiltrações da seita”, segundo os jesuítas, não só na França, mas até na Itália.

Santo Inácio enviou seus discípulos a essas regiões e foram reconduzindo para a Igreja “ovelhas desgarradas”, até na própria Alemanha – terra de Lutero. Ali trabalharam Pedro Fabro, Cláudio Lê Jay e Bobadilha. Mas foi São Pedro Canisio, hoje considerado, com razão, o segundo apóstolo da Alemanha, depois de São Bonifácio. Os Jesuítas trabalharam mais especificamente com a educação, fundando escolas, catequizando, disseminando o catolicismo. Assim, a catequese dos povos dos continentes recém descobertos foi uma tática bastante utilizada. No Brasil, destacaram-se nesse trabalho os padres Manuel da Nóbrega e José de Anchieta. Para orientar seu trabalho, os Jesuítas seguiam um plano de ensino: a Ratio Studiorum que contemplava as disciplinas a serem ministrados, como devem agir os professores e alunos, etc. Desse modo, na Ratio Studiorum, estavam explicitadas as características do método de ensino utilizado em suas escolas.

A primeira Ratio elaborada foi a Ratio de Nadal, de autoria de Jerônimo Nadal, o qual foi considerado o 1º pedagogo da companhia. Dinâmico e prático queria regulamentar os colégios. Sendo diretor, em 2 de agosto de 1548 lhe foi dada autorização para proceder da melhor forma, assim, ele modificava tanto a qualidade quanto o número de lições e de professores, atuando ativamente nos colégios. Naquela época não existia uma Ratio para todos os colégios, cada qual tinha uma experiência diferente. Dessa forma Nadal foi autorizado a estruturar sua

própria Ratio com a finalidade de servir a vários colégios, que foi a primeira Ratio Studiorum realmente elaborada é utilizada, a qual ganhou o nome de Studus Sicitatis Iesu et Ordo Studiorum.

A Ratio de Nadal atendia de modo particular os níveis de religião e de estudos. Distingua professores e alunos: Jesuítas e leigos, indicando também o que podia ser comum a todos, não estabelecendo uma separação absoluta ente os Jesuítas e as outras pessoas. Tinha um caráter religioso, o que não podia ser diferente, procurando pregar a religiosidade e os bons costumes, além de algumas praticas de piedade e devoção. Nadal divide a escola em sua Ratio em cinco classes: língua latina; arte da leitura; pratica de escrever e compor; estudo de humanidades; artes retóricas.

O tempo das aulas eram três horas de manhã e mais três à tarde, onde se executavam as lições, repetições, exames, perguntas, correções de temas, e caso provocasse discussões do estudantes. Mais tarde foram introduzidos nas classes de humanidades a retórica, o grego e o hebraico.

Aníbal du Coudret, posteriormente, escreveu a segunda Ratio que se intitulava "De Ratione Studiorum". Aníbal foi continuador de Nadal no colégio de messina onde este trabalhava. Sua Ratio também dividia a escola em classe, no entanto, os alunos maiores ensinavam os menores. O método utilizado continua sendo o da repetição. Os alunos aprendiam de segunda à sexta e aos sábados faziam as repetições, no inicio do aprendizado. No inicio do aprendizado os alunos só faziam reprodução, a composição vinda mais tarde, na terceira série, onde faziam-se composições diariamente, dos quais o professo corrigia umas dez ou doze. Há também disputas freqüentes ente os alunos de classes diferente ou não. As classes de retórica escreviam uma redação por semana. As férias eram exceção, somente quando o calor era muito forte, diminuía-se as aulas, ou então, antes de iniciar um novo curso que costumavam dar quinze dias para preparar a nova lição. O castigo de vara era utilizado nas três primeiras series, os grandes eram advertidos pelo mestre. A tendência depois foi de diminuir ou abolir o castigo físico. No âmbito da religião, os estudantes confessavam-se uma vez ao mês e assistiam à missa diariamente. O Pai Nosso era rezado toda manhã em voz baixa cinco vezes seguidas, da mesma forma as Ave Marias, pelas crianças para que aprendessem um rezava em voz alta e as outras crianças acompanhavam. A Ratio de Coudret foi na realidade uma adaptação à Ratio de Nadal com um enfoque diferenciado facilitado por ter tido a de Nadal como referencia e apoio.

Diego de Ledesma também elaborou uma Ratio quando foi Prefeito de Estudos. Extremamente minucioso, não deixava muitas oportunidades para inovação ou originalidade tanto para os professores, quanto para os alunos. Apesar de

muito detalhista, sua Ratio elaborada para o colégio Romano foi a grande inspiradora para o Ratio de 1586, mas seu trabalho não pode ser completado

Como sua característica mais importante eram as minúcias, deixava prescrições muito claras e precisas, para professores e alunos, sobre os modos de proceder, o conteúdo a ser ensinado e todas as indicações metodológicas necessários para o bom rendimento dos estudos e da aprendizagem. Ledesma já mostrava a preocupação de um ensino em particular aos alunos quando diz que nem todas as coisas convêm a todos igualmente, mas algumas a uns e segundo a diversidade de classes, mais ou menos. Preocupou-se com a possibilidade e capacidade dos alunos e também com a sobrecarga dos professores para que trabalhassem melhor e mais tempo na educação. Mesmo sendo muito minucioso, Ledesma foi um dos autores mais competentes e mais explícitos que escreveram sobre a metodologia de estudos dos Jesuítas.

Existiu também, a Ratio de Borja, que não foi elaborada na íntegra por seu autor, devido sua morte, seu trabalho foi interrompido. Mesmo nunca sendo promulgada, a Ratio de Borja continha pontos que a Ratio de Aquaviva veio confirmar como: Distinção de classes, regras dos alunos externos, regras do corretor, regras dos escolásticos, regras dos professores, regras do prefeito de estudos. Depois de algumas tentativas de estabelecer um plano de estudos, buscou-se oficializar a metodologia dos Estudos da Companhia, que fosse ao menos parecida em todos os lugares. P. Aquaviva nomeou então, um grupo que se encarregasse de terminar a obra em seis meses. Isso se deu no ano de 1586, concluída a fase das discussões, os originais foram enviados a todas as províncias, para que cada província, junto com cinco padres de sua província, os discutisse e propusesse alterações ou um projeto novo. As propostas foram enviadas e ajudaram na redação final. As conclusões enviadas a todos os colégios, que responderam enviando novos planos. Depois dessa nova consulta, foram reunidas as regras em um volume no ano de 1591, mas a edição oficial saiu apenas em 1599, composta por numerosas regras, mas mesmo assim diminuiu o documento de 400 para 208 páginas que representou um grande passo à frente no sistema educacional dos Jesuítas pois ofereceu normas gerais e válidas para os procedimentos mais comuns. Serviu até de espelho para outras instituições organizarem seu sistema de ensino, contribuindo muito para o campo da educação. No entanto em 1773 esse trabalho foi interrompido pela supressão da ordem, perdendo-se toda a experiência e um sistema muito bem organizado de ensino e educação, construindo ao longo de seis séculos, que nunca mais foi substituído ou reconstruído. A Companhia foi restaurada em 1814 com o intuito de retomar as atividades educacionais, o que implicava em reelaborar a Ratio que já não atendia mais as necessidades, criando-se a Ratio de 1832 baseada na de 1586.

O encarregado de elaborar a nova Ratio foi o Geral, P. Roothan, que já em 1832, publicou a nova edição da antiga Ratio, que foi apenas uma adaptação da mesma, por esse motivo, não conseguiu grande repercussão pois não atendia às mudanças que ocorreram com o passar dos anos. Ela não utilizava por exemplo os descobrimentos e avanços das modernas teorias de aprendizagem esforço e aplicação constante.

Dessa forma, a Ratio de 1832 não obteve o mesmo sucesso que a primeira Ratio, mas ela serviu para que a companhia não ficasse sem metodologia alguma. Porém não foi de todo negativo esse plano de estudos pois deixava claro a preocupação com o desgaste físico e mental dos alunos pois não permitia que estes ficassem lendo ou escrevendo por mais de suas horas seguidas, sem intervalos. As inovações não foram muitas, mas significativas, sempre remetendo aos pontos mais importantes da Ratio de 1599.

Posteriormente, no século XX surgiram outras tentativas de regulamentar os estudos na companhia que se referiram quase que exclusivamente as disciplinas de filosofia e teologia e não aos estudos anteriores como as primeiras Ratios.

Apesar de terem ficado um tanto quanto ultrapassados não podemos deixar de reconhecer a importância dos planos de estudos dos Jesuítas que em muitos lugares, como é o caso do Brasil, eram o único sistema de ensino conhecido e após a expulsão dos Jesuítas, tudo indica que ficou pior, desestruturando-se aquela organização de ensino.

O espírito inaciano e a educação jesuíta se dá a partir de alguns pensamentos básicos, ou de idéias diretrizes, e que enumeramos a seguir:

- a) A primeira idéia inaciana é que Deus, criador e Senhor, está presente em nós, trabalhando em nós;
- b) O segundo princípio inaciano é que cada pessoa é conhecida pessoalmente e amada por Deus. Este amor pede resposta, sendo expressão de liberdade radical;
- c) O terceiro princípio inaciano é que, por causa do pecado, a resposta do homem não é automática, mas, ajudados pelo amor redentor de Deus, devemos conquistar a liberdade;
- d) O quarto princípio de Santo Inácio é que a verdadeira visão do mundo está centrada na pessoa histórica de Cristo;
- e) O quinto princípio diz que uma resposta amorosa e livre a Deus é mais do que especulativa: é preciso praticar as obras, exigindo a prática e vivência da fé;

- f) A resposta ao chamado de Cristo está na Igreja, instrumento da presença de Cristo no mundo;
- g) Ao experimentar o amor de Deus Santo Inácio passou a partilhá-lho com os outros, “amigos do senhor”, tornando essa partilha mais um princípio.
- h) É preciso também tomar decisões com base em um processo contínuo de discernimento, individual e comunitário, sempre feito num contexto de oração.

No caso do Brasil, a vinda dos jesuítas é parte integrante do projeto de missionaço de D. João III e, por esse motivo, desde o momento em que se instalaram no Brasil (1549), usufruíram da benevolência real que já se manifestara em Portugal. Nos primeiros tempos, sustentavam-se com esmolas e doações os homens do governo e, em 23 de fevereiro de 1550, passa a ser autorizado um subsídio mensal de “hum crusado em ferro” (400 réis mensais) a cada um. No ano seguinte, tendo chegado mais quatro padres e sete meninos órfãos de Lisboa, Padre Nóbrega solicitou e obteve do governador geral uma sesmaria, a da Água dos Meninos, justificando seu pedido com o fato de o rei de Portugal e a Companhia de Jesus pretenderem “nela criar e ensinar moços do gentio que por tempos levem o nome do senhor a todas as gentes”. Também foi aprovado o provimento necessário aos jesuítas: “assim para seu mantimento como para seu vestido”. Desde o momento em que D. João III resolveu intensificar os cuidados com a terra descoberta em 1500, ficou expressa sua preocupação com a propagação da fé cristã entre os gentios.

Para concluir, a questão de sabermos em que medida a pedagogia jesuítica constitui-se, no Brasil, em avanço ou retrocesso implica em, como ensinou Marx, irmos para o contexto histórico em que se desenvolveu ao longo dos séculos e nos diferentes países em que foi implementada. De qualquer forma, a filosofia educacional dos jesuítas, pode ser ainda hoje uma inspiração para muitos educadores e, especialmente, para os educadores jesuítas e seus colaboradores, perfeitamente integrados na sua comunidade para a qual dedicam o melhor de seus esforços. Assim, na filosofia educacional dos jesuítas, podemos notar, que tem sofrido profunda reformulação nos trinta anos subseqüentes ao concílio Ecumênico Vaticano II, graças a inspiração que este tem exercido em toda a Igreja católica, à reflexão e a prática dos educadores jesuítas e leigos dos colégios da Companhia de Jesus, às orientações das Congregações Gerais e dos superiores gerais.

REFERÊNCIAS:

KLEIN, Luiz Fernando. **A atualidade da pedagogia Jesuítica**. São Paulo: Edições Loyola 1997.

SHMITZ, Egidio. **Os Jesuítas e a Educação: filosofia educacional da companhia de Jesus**. São Leopoldo: Ed. Unisinos 1994.

O Livro de Enoch, o Profeta. São Paulo, Madras, 2004.

FRANZEN, Beatriz Vasconcelos. **Os jesuítas e sua ação missionária no sul do Brasil e Paraguai (1580-1640): um estudo comparativo**. São Leopoldo:Ed. UNISINOS, 1999.

SUCHODOLSKY, B. **A Pedagogia e as Grandes Correntes Filosóficas**. Lisboa: Horizonte, 1978.

SANTO AGOSTINHO. **De Magistro**. São Paulo: Editora Abril, 1973.

ALTHUSSER, L. **Ideologia e Aparelhos Ideológicos de Estado**. Lisboa: presença.

MARX, K. e ENGELS, F. **Sobre a Religião**. Lisboa: edições 70, 1972.

PAIVA, José Maria. **Colonização e Catequese**. São Paulo: Cortez, 1982.

NOTAS

¹ Acadêmica do 2º ano do curso de Pedagogia da Unioeste/campus de Cascavel.

² Doutor em Filosofia e História da Educação, pela Unicamp. Líder do Grupo de História e Historiografia na Educação, da UNIOESTE